



Racismo algorítmico e microagressões nas redes sociais

Algorithmic racism and microaggressions on social media

Júlio ARAÚJO*

RESUMO: Neste estudo, examino o impacto do racismo algorítmico enfrentado pela deputada Renata Souza ao utilizar inteligência artificial para retratar uma mulher negra em uma favela. Abordo como as microagressões contribuem para a disseminação do discurso racista no ambiente virtual, destacando o caso específico envolvendo o parlamentar. Fundamentado em pesquisas críticas sobre algoritmos (O'Neil, 2020; Prado, 2022) e em estudos sobre racismo algorítmico (Noble, 2021; Silva, 2022), analiso as microagressões presentes nos comentários em sua conta do Instagram e em páginas de mídia social. Os resultados apontam para: 1) críticas focadas no uso da palavra favela em vez de serem direcionadas à inteligência artificial; 2) acusações de manipulação da imagem para insinuar racismo por parte da deputada; 3) ausência de responsabilização da inteligência artificial pela discriminação, sendo a culpa atribuída aos usuários; 4) negação da existência do racismo algorítmico; 5) desvalorização da denúncia de racismo algorítmico feita pela deputada; e 6) interpretação da imagem da inteligência artificial como a de uma policial. Esses resultados revelam a conexão entre microagressões na propagação do racismo em ambiente digital e o discurso de ódio voltado para indivíduos negros.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo Algorítmico. Inteligência Artificial. Discurso racista. Redes sociais.

ABSTRACT: This study explores algorithmic racism experienced by Congresswoman Renata Souza while utilizing artificial intelligence to depict a Black woman in a favela. The incident highlighted entrenched prejudice in on-line comments. It investigates how microaggressions contribute to the dissemination of racist discourse in on-line spaces, focusing on the case of algorithmic racism towards the congresswoman. Drawing on critical works by O'Neil (2020) and Prado (2022), as well as studies on algorithmic racism by Noble (2021) and Silva (2022), the research uses a qualitative approach to analyze the microaggressions faced by the congresswoman on her Instagram and related media pages. Findings reveal that criticisms predominantly target the use of the term favela rather than the artificial intelligence itself. Accusations include suggestions of image manipulation to imply racism, shifting blame from artificial intelligence to the user. Denial of the existence of algorithmic racism, discrediting the congresswoman's experiences, and misinterpretation of the AI-generated image as that of a police officer are also observed. These findings illustrate the interplay between microaggressions, on-line racism, and hate speech targeting Black individuals.

KEYWORDS: Algorithmic Racism. Artificial Intelligence. Racist discourse. Social networks.

Artigo recebido em: 26.06.2024

Artigo aprovado em: 10.09.2024

* Doutor em Linguística. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC). araujo@ufc.br

1 Introdução

A tese de que os sistemas algorítmicos estão cada vez mais tomando decisões por nós e sobre nós (Silva, 2020; 2022) reflete uma realidade contemporânea em que algoritmos são amplamente utilizados em diversas áreas, desde recomendações de produtos em plataformas de *e-commerce* (Matalon Neto; Souza, 2023) até na seleção de currículos em processos seletivos de emprego (Sousa; Passarelli; Pugliesi, 2019). Outro exemplo desse fenômeno é o algoritmo de recomendação de conteúdo da Netflix, o qual analisa os padrões de visualização de um usuário para sugerir filmes e séries, influenciando diretamente em suas decisões de entretenimento (Ladeira, 2019).

Em diversas situações críticas, os algoritmos desempenham um papel relevante na tomada de decisões. Por exemplo, em análises de crédito, eles avaliam a elegibilidade para empréstimos com base no histórico financeiro do indivíduo, o que pode ter um impacto substancial em sua situação financeira (Assef, 2018). Da mesma forma, em plataformas de transporte compartilhado, como Uber, algoritmos determinam os preços das viagens de acordo com a demanda, influenciando diretamente as escolhas dos usuários e o número de motoristas disponíveis em áreas específicas (Santos; Mayer; Marques, 2019).

A crescente dependência de sistemas algorítmicos na tomada de decisões diárias suscita questões éticas e sociais sobre transparência, imparcialidade e responsabilidade. Compreender o seu funcionamento e estabelecer mecanismos de supervisão e regulação é essencial para assegurar o uso ético e justo desses sistemas. Isso é vital para proteger os direitos e a autonomia das pessoas em um cenário cada vez mais tecnológico e interligado.

Nas últimas décadas, a revolução digital tem alterado profundamente nossa forma de interação e comunicação, especialmente nas redes sociais, na qual informações se propagam globalmente. A ascensão da inteligência artificial (IA) e dos algoritmos de recomendação está inaugurando uma nova fase na produção e disseminação de conteúdo on-line. Isso tem gerado debates intensos sobre a interação

entre linguagem, tecnologia e aspectos sociais, como o racismo, discriminação sexista e desinformação, os quais representam ameaças à democracia. O impacto desses fenômenos está sendo amplamente discutido atualmente pelos estudiosos (Noble, 2021; Silva, 2020; 2022; Araújo; Araújo, 2024; O'Neil, 2020; Prado, 2022).

Recentemente, a prática de solicitar que a IA crie imagens dos usuários tem ganhado enorme popularidade, especialmente nas redes sociais. Apesar do avanço dessas tecnologias, nem sempre os pedidos são cumpridos de forma integral, expondo as falhas e limitações dos algoritmos utilizados. Em certos casos, tais deficiências não se restringem à dimensão técnica, mas revelam preconceitos arraigados, resultando em casos de discriminação algorítmica. Isso acontece quando a IA, com base em dados inadequados ou tendenciosos, gera representações distorcidas ou estereotipadas, sobretudo de indivíduos negros. Este estudo investiga essas situações, examinando suas causas e propondo maneiras de reduzir o impacto do racismo nos sistemas de IA.

No meu estudo, analiso um caso envolvendo Renata Souza, deputada estadual do Rio de Janeiro. Em uma postagem publicada no Instagram no dia 26 de outubro de 2023, a deputada compartilhou a experiência de solicitar a uma ferramenta de IA que criasse a imagem de uma mulher negra com cabelos afro e roupa estampada africana em um cenário de favela no estilo Pixar¹. Contudo, a IA gerou uma representação racista, mostrando a mulher negra segurando uma arma, indo contra as instruções da deputada. Esse fato gerou repercussão na mídia², escancarando o racismo em comentários nas redes sociais. Em meu estudo, analiso as microagressões enfrentadas pela deputada nesses contextos on-line.

¹ Essa prática é difundida sobretudo no Instagram, X (antigo Twitter) e TikTok, permitindo a transformação de fotos em representações que evocam as famosas animações da Disney. É essencial dispor de uma conta da Microsoft, uma vez que a IA envolvida pertence a essa empresa. Caso não possua essa conta, é possível se registrar diretamente na plataforma correspondente.

² Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/10/26/deputada-do-rj-diz-que-robo-que-faz-desenhos-ao-estilo-pixar-entregou-imagem-de-mulher-negra-com-arma-na-mao-ao-receber-pedido-de-personagem-em-favela.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2024.

Diante desse cenário e considerando o caso de racismo algorítmico sofrido pela deputada Renata Souza, a questão norteadora da pesquisa foi: de que maneira as microagressões plasmam o discurso racista na dinâmica das interações em redes sociais? Por meio da análise dos comentários realizados nas páginas da deputada e dos veículos de mídia que reportaram o caso, o objetivo foi o de analisar as microagressões sofridas pela deputada no contexto das interações em redes sociais, demonstrando que tais microagressões se entrelaçam para dar forma ao discurso racista presente nesses ambientes virtuais.

A pesquisa busca contribuir para o entendimento das dinâmicas de desigualdade e discriminação no ambiente virtual, ressaltando a importância de combater ativamente as microagressões ligadas ao discurso racista nas redes sociais. Ao ampliar o conhecimento sobre essas questões, o estudo busca estimular reflexões e ações que promovam equidade, inclusão e respeito à diversidade dentro e fora do ambiente digital.

Investir em pesquisas sobre o discurso racista nos ambientes digitais é essencial para os estudos linguísticos. É necessário ampliar a análise para incluir os algoritmos como componente central na formação de significados em um cenário influenciado pela IA. Compreender a ligação direta entre microagressões, racismo algorítmico e seu impacto nas interações on-line é fundamental tanto para a academia quanto para a sociedade. Isso se torna ainda mais relevante dada a importância crescente das plataformas digitais na formação de opiniões e na construção de narrativas culturais.

2 Pressupostos teóricos

2.1 Algoritmos na construção de sentidos e sujeitos de linguagem na era de IA

No livro *Algoritmos da Opressão*, Safiya Umoja Noble (2021) mostra que os motores de busca que consultamos diariamente tendem a reforçar narrativas que evidenciam disparidades de poder na sociedade. Ela observou que, durante as suas pesquisas, ao inserir o termo '*black girls*' (garotas negras), predominava nos resultados

apresentados pelo Google um conteúdo pornográfico, sexista e misógino. Assim, ao procurar informações sobre a realidade das meninas pretas nos Estados Unidos, Noble denuncia que não era fácil encontrar recursos confiáveis e esclarecedores, tais como estatísticas precisas, contatos de organizações respeitáveis, estudos acadêmicos, reportagens jornalísticas ou obras de especialistas no assunto.

Por isso, ao considerar os algoritmos como uma forma de linguagem, é possível perceber que por trás deles estão representações que moldam e direcionam a comunicação e interação entre indivíduos. Como alerta Noble (2021, p. 59), é hora de “começar a pensar sobre inteligência artificial como uma questão de direitos humanos”. Nesse sentido, investir em estudos que desvendem essas representações é uma exigência contemporânea, à medida que os algoritmos influenciam significativamente a construção de sentidos, bem como moldam a constituição dos sujeitos de linguagem em um mundo cada vez mais permeado pela IA.

Os algoritmos atuam de modo a produzir significados e influenciar a forma como nos constituímos como sujeitos de linguagem em meio à proliferação de tecnologias de IA. A crescente presença desses elementos invisíveis e praticamente onipresentes tem impacto direto em nossas práticas linguageiras, afetivas e educacionais, determinando não apenas o que é visto e consumido, mas também moldando identidades e relações sociais.

Em seu potente *Algoritmos de destruição em massa*, O’Neil (2020) critica o poder dos algoritmos ao constatar que “muitos desses modelos programavam preconceitos, equívocos e vieses humanos nos sistemas de software que, cada vez mais, geriam nossas vidas” e que “mesmo quando errados ou nocivos, estavam além de qualquer contestação”, uma vez que os algoritmos são constantemente programados para “punir os pobres e oprimidos da sociedade enquanto enriqueciam ainda mais os ricos” (O’Neil, 2020, p. 8).

Particularmente preocupante é a constatação de que os algoritmos alimentam o discurso racista nas redes sociais (Araújo, 2024), ampliando o fenômeno do discurso

de ódio contra pessoas negras (Trindade, 2022; Barreto, 2023). Isso ocorre porque, por meio de mecanismos muitas vezes sutis, mas extremamente eficazes, os algoritmos podem contribuir para a disseminação de mensagens discriminatórias e prejudiciais, alimentando, assim, a perpetuação de preconceitos e estereótipos sociais (Noble, 2021).

Os algoritmos não devem ser vistos apenas como simples modelos ou representações de um processo. Segundo Cathy O'Neil (2020, p. 15), eles vão além, pois são “opiniões incorporadas em matemática”. Esse conceito destaca que, por mais que tendamos a acreditar na neutralidade das máquinas, na realidade, não existe tecnologia que seja verdadeiramente neutra. Conforme O'Neil (2020, p. 208), os algoritmos são “segredos comerciais vitais” e, nesse sentido, como ressalta Santaella (2023, p. 12), “a performance dos algoritmos é invisível”. Assim, a ideia de que eles são objetivos e imparciais é questionada, uma vez que são concebidos por humanos, os quais podem inserir viés e subjetividade em sua criação, o que pode levar a resultados não tão neutros quanto inicialmente presumido.

Essa poderosa influência dos algoritmos vai muito além de instrumentos inócuos de processamento de dados. Eles desempenham um papel ativo na intensificação das disparidades sociais já existentes, criando e perpetuando desigualdades. Mais alarmante ainda, a ascensão descontrolada desses algoritmos levanta sérias preocupações sobre a integridade e estabilidade das democracias contemporâneas, visto que podem moldar opiniões, reforçar bolhas de informação e potencialmente minar os princípios democráticos fundamentais (O'Neil, 2020; Prado, 2022).

Os algoritmos, ao mesmo tempo que representam avanços tecnológicos significativos, também carregam consigo potenciais perigos e consequências indesejáveis, especialmente no que tange à propagação do discurso de ódio e da discriminação racial. Como salienta Noble (2021, p. 14), “o racismo não é um fenômeno novo e, cada vez mais, as formas como ele se manifesta vão se alterando e se

aprimorando. Hoje, ele tem se perpetuado também no campo das tecnologias digitais”. Na mesma linha de raciocínio, Silva denuncia que

Alguns grupos não só são deixados de lado ou ignorados na produção de tecnologias hegemônicas como são estereotipados e agredidos intelectualmente na montagem dos recursos computacionais que se tornam fundações para novas tecnologias, acumulando camadas estruturais de preconceitos (Silva, 2022, p. 113).

As últimas citações evidenciam um aspecto vital, frequentemente subestimado, sobre a criação e a evolução de tecnologias dominantes. Elas destacam a exclusão e o preconceito enfrentados por certos grupos durante o desenvolvimento de recursos computacionais, essenciais para inovações futuras. Essa prática amplia preconceitos e estereótipos nos alicerces dessas tecnologias, ampliando desigualdades e gerando agressões intelectuais. O resultado é a construção de sistemas enviesados, acoplando disparidades.

Essa reflexão nos instiga a questionar as dinâmicas de poder e os processos de construção do conhecimento que permeiam a formação e implementação dessas ferramentas tecnológicas, ressaltando a importância de uma abordagem inclusiva e consciente para desconstruir tais padrões discriminatórios, pois, dentro de uma ótica de necropolítica, o

racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado (Mbembe, 2018, p. 128).

Desse modo, precisamos admitir, com Silva (2022, p. 180), que “as tecnologias têm *éthos* e podem representar e reproduzir valores de seus criadores”. Para uma compreensão mais aprofundada sobre o tema, considero imprescindível analisar a interligação existente entre algoritmos e racismo, e assim identificar de que maneira

essa dinâmica se reflete a partir de microagressões direcionadas a indivíduos negros por meio das plataformas de redes sociais.

Segundo Stuart Russell e Peter Norvig (2010), dois renomados pesquisadores no campo da inteligência artificial, em seu livro *Artificial Intelligence: a modern approach*, a IA é a inteligência demonstrada por máquinas ou programas de computador. É um conceito que inclui a habilidade de um agente lógico de compreender o seu entorno, tomar ações e alcançar metas. Essa definição destaca a capacidade da IA em simular o pensamento humano, aprender com a experiência, adaptar-se a novas situações e realizar tarefas complexas de forma autônoma, inclusive o racismo, como aprofundo subseqüentemente.

2.2 Microagressões e o racismo algorítmico

Safiya Umoja Noble (2021) apresenta uma investigação minuciosa por meio da qual ela examina, criticamente, o impacto dos algoritmos, dos sistemas de busca e das plataformas on-line na propagação de estereótipos, do racismo e da discriminação. Sua pesquisa revela que os algoritmos não operam de forma imparcial, mas sim espelham e intensificam as disparidades estruturais existentes, exercendo controle sobre a percepção pública e reforçando narrativas danosas, especialmente aquelas que afetam as mulheres negras, pois “a discriminação também está embutida no código de programação e, cada vez mais, nas tecnologias de inteligência artificial das quais dependemos, querendo ou não” (Noble, 2021, p. 18).

Uma das grandes contribuições dessa obra está em a autora salientar a relevância de se questionar a moralidade e a equidade dos algoritmos, e em ressaltar a primordialidade de adotar uma postura crítica e ponderada em relação à criação e utilização das tecnologias digitais. Ao denunciar que o “Google (...) lucra com racismo e sexismo, particularmente no ápice do espetáculo de mídia” (Noble, 2021, p. 33-34), ela destaca a problemática inerente à forma como grandes empresas tecnológicas podem estar promovendo injustiças sociais em suas plataformas. Ela pontua que “os cliques em links da internet podem gerar lucro” (Noble, 2021, p. 79), e, em função

disso, demonstra a necessidade de compreender que a busca por lucro não deve se sobrepor à dignidade humana. É profundamente equivocada a concepção de que qualquer tipo de exploração, inclusive a que se baseia na dor causada pelo racismo e por outras injustiças sociais, seja aceitável desde que gere ganhos financeiros.

A observação de Noble ressalta a interconexão intrincada entre tecnologia, poder corporativo e equidade social. Ao apontar que empresas como Google lucram com práticas discriminatórias, ela destaca a necessidade premente de reavaliar profundamente as estruturas e processos subjacentes ao desenvolvimento e implementação de algoritmos e plataformas digitais. Sua análise destaca que essas tecnologias, ao invés de serem neutras, frequentemente mantêm as disparidades sociais existentes, reforçando estereótipos e o racismo algorítmico. Como observado por Santaella (2023), a IA está assumindo autonomia nas operações, sem supervisão externa.

O'Neil (2020) emprega a expressão “Armas de Destruição Matemática” (ADM) para caracterizar os modelos matemáticos mais prejudiciais utilizados nas plataformas on-line. Sua argumentação aponta para o fato de que os referidos modelos acarretam repercussões desfavoráveis para os estratos sociais menos favorecidos, ao passo que facilitam a vida dos mais privilegiados. Acerca disso, a autora chama a atenção para o fato de que as ADM “não ouvem. Tampouco vergam. São surdas não somente a charme, ameaça e adulação, mas também à lógica – mesmo quando há boas razões para se questionar os dados que alimentam seus resultados” (O'Neil, 2020, p. 18).

Ironicamente, Prado (2022, p. 366) argumenta que “os algoritmos não sentem emoção, não ficam distraídos, cansados [e] uma de suas características fundamentais [é] a velocidade com que trabalham, competindo pela atenção dos usuários”. Mesmo assim, eles são resultados de “formulações matemáticas que guiam as decisões automatizadas (...) feitas por seres humanos” (Noble, 2021, p. 18). Justamente por isso, o estudo sobre racismo algorítmico nas redes sociais é um campo essencial para compreender como as plataformas digitais podem consolidar e amplificar

preconceitos sociais existentes. Para melhor entendimento desse fenômeno, e no contexto deste artigo, passo a apresentar as categorias de microagressões, tão relevantes ao estudo que estou desenvolvendo³.

Como explicado por Silva (2020; 2022), microagressão é um termo criado pelo psiquiatra Chester Pierce, referindo-se a expressões e comportamentos sutis, muitas vezes involuntários, os quais transmitem mensagens negativas a indivíduos de grupos marginalizados. De acordo esse autor,

a maioria das ações ofensivas não são grosseiras e paralisantes. Elas são sutis e surpreendentes. A enormidade das complicações que causam só pode ser apreciada quando se considera que esses golpes sutis são entregues incessantemente⁴ (Pierce, 1970, p. 265-266).

Embora originalmente não elaborada para ambientes virtuais, a teoria de Pierce oferece arcabouço para a análise do discurso racista nesses espaços. Segundo essa teoria, atitudes, representações e estereótipos inconscientes podem prejudicar, ofender e invalidar pessoas negras, dentro de um contexto de “normalidade cultural”. Essas ações, embora não expressem necessariamente ódio racial direto, possuem um caráter cumulativo e ocorrem rotineiramente. Para compreender as manifestações diárias do racismo nas interações on-line em plataformas de redes sociais, é crucial considerar a perspectiva fornecida pela teoria das microagressões.

Pierce aponta que as ações ofensivas mais impactantes, muitas vezes, não são óbvias à primeira vista, mas se manifestam de forma sutil e quase imperceptível. Com o tempo, tais ofensas se acumulam, trazendo consigo complicações significativas. O autor sugere que a persistência e a frequência dessas pequenas ofensas podem ter um

³ Este artigo traz resultados parciais de uma pesquisa em andamento realizada por mim na Universidade Federal do Ceará (Araújo, 2024). Agradeço a Luís Ferreira (Unilab), Messias Dieb (UFC), Queila Lopes (UFAC), Vicente de Lima-Neto (UFERSA) e Leonel Santos (UFC) pela cuidadosa revisão dos originais. Assumo a responsabilidade por eventuais questões remanescentes.

⁴ No original: “most offensive actions are not gross and crippling. They are subtle and stunning. The enormity of the complications they cause can be appreciated only when one considers that these subtle blows are delivered incessantly” (Pierce, 1970, p. 265-266).

impacto tão grave quanto uma ação ofensiva direta e evidente. Isso destaca a importância de não se limitar a identificar apenas conflitos explícitos, mas também de reconhecer as nuances e sutilezas presentes na maneira como o discurso racista se apresenta nas interações cotidianas.

Nesse sentido, conforme Silva explica (2020; 2022), ao analisar o termo “microagressão”, é crucial considerar o prefixo “micro” não apenas em termos de intensidade, mas também em relação à extensão da agressão, que ocorre em um nível individual ou local, muitas vezes em situações privadas ou limitadas. Isso pode conferir anonimato ao agressor e permitir a negação por meio de debates sobre intenção ou forma sob a alegação de que era só uma piada boba. Em seus estudos sobre o racismo em ambientes digitais, Silva (2022) discute sobre as microagressões e, ao se debruçar sobre a literatura, ele mostra que elas se manifestam por meio de várias formas distintas que evidenciam atitudes discriminatórias e preconceituosas. A seguir, detalhamos apenas as 4 principais mais estudadas⁵.

- a) **Microinsultos:** Consistem em comentários sutis que desonram a identidade racial de uma pessoa, frequentemente mascaradas de piadas ou críticas veladas. Trata-se de observações que, sob a aparência de serem inofensivas, na verdade carregam um significado pejorativo e desprezível em relação à raça;
- b) **Microinvalidações:** Visam a negar ou invalidar as experiências raciais e as percepções dos indivíduos. Ao minimizar a importância das vivências raciais, essas atitudes desconsideram e deslegitimam os sentimentos e as experiências pessoais dos afetados pelo racismo;
- c) **Deseducação:** Ocorre quando há disseminação de informações errôneas ou estereótipos, promovendo a ignorância e sustentando concepções

⁵ Para conhecer outras categorias, sugiro a leitura do excepcional estudo de Silva (2022), no qual o autor apresenta um quadro teórico mais detalhado das microagressões.

prejudiciais sobre determinados grupos raciais. Isso inclui a circulação de dados falsos ou enviesados que alimentam e reforçam preconceitos;

d) Desinformação: Manifesta-se pela propagação de notícias falsas e narrativas distorcidas, as quais reforçam estereótipos e perpetuam a discriminação racial de maneira insidiosa no ambiente virtual. Conforme demonstrado por Silva (2022), a disseminação de desinformação pode ser intencional ou involuntária, porém, em ambas as situações, resulta em prejuízos significativos ao manter representações negativas e estigmatizantes das pessoas pretas.

Cada uma dessas formas de microagressão contribui para a manutenção e perenização do racismo no espaço digital, tornando-se fundamentais para o exercício analítico apresentado neste artigo, pois auxiliam no estudo de como essas atitudes se manifestam no ambiente on-line. Como bem explica Silva (2022), além das quatro categorias comentadas anteriormente, existem outras estratégias discursivas, como mostramos subseqüentemente, que também plasmam o discurso racista, contribuindo para um funesto ecossistema de preconceito nas redes sociais. Entre essas estratégias, destacam-se:

- a) "**suposição de criminalidade**", que envolve a presunção automática de que indivíduos de certos grupos raciais são propensos a comportamentos criminosos;
- b) a "**negação de realidades raciais**", cujo teor aponta para desconsideração ou minimização das experiências e dificuldades enfrentadas por grupos racializados;
- c) a "**suposição da inferioridade intelectual**", que presume uma capacidade cognitiva inferior em pessoas negras;
- d) a "**patologização de valores culturais**" a qual implica tratar as características culturais de determinados grupos como patológicas ou anormais;

- e) a "**exotização**" que plasma práticas de transformar a identidade cultural de um grupo em algo exótico e fora do comum, muitas vezes reduzindo indivíduos a estereótipos simplistas e superficiais;
- f) a "**negação da cidadania**" que ocorre quando a legitimidade e a pertença social dos indivíduos a uma nação ou comunidade são questionadas com base em sua raça;
- g) e, finalmente, a "**exclusão ou isolamento**" cuja manifestação se dá quando indivíduos são sistematicamente excluídos ou marginalizados em espaços on-line.

Conforme Silva (2022), essas formas de microagressões são dilatadas no ambiente digital, onde são reproduzidas de maneira algorítmica em bases de dados. Isso significa que as tecnologias e plataformas digitais, por meio de seus algoritmos, podem preservar e amplificar preconceitos raciais (O'Neil, 2020; Noble, 2021) tornando-se um vetor para a disseminação dessas microagressões (Araújo; Araújo 2024). Em um cenário em que as redes sociais e outras plataformas digitais desempenham um papel fundamental no cotidiano, torna-se imperativo compreender o funcionamento das dinâmicas algorítmicas e procurar formas de mitigar os efeitos danosos do discurso racista.

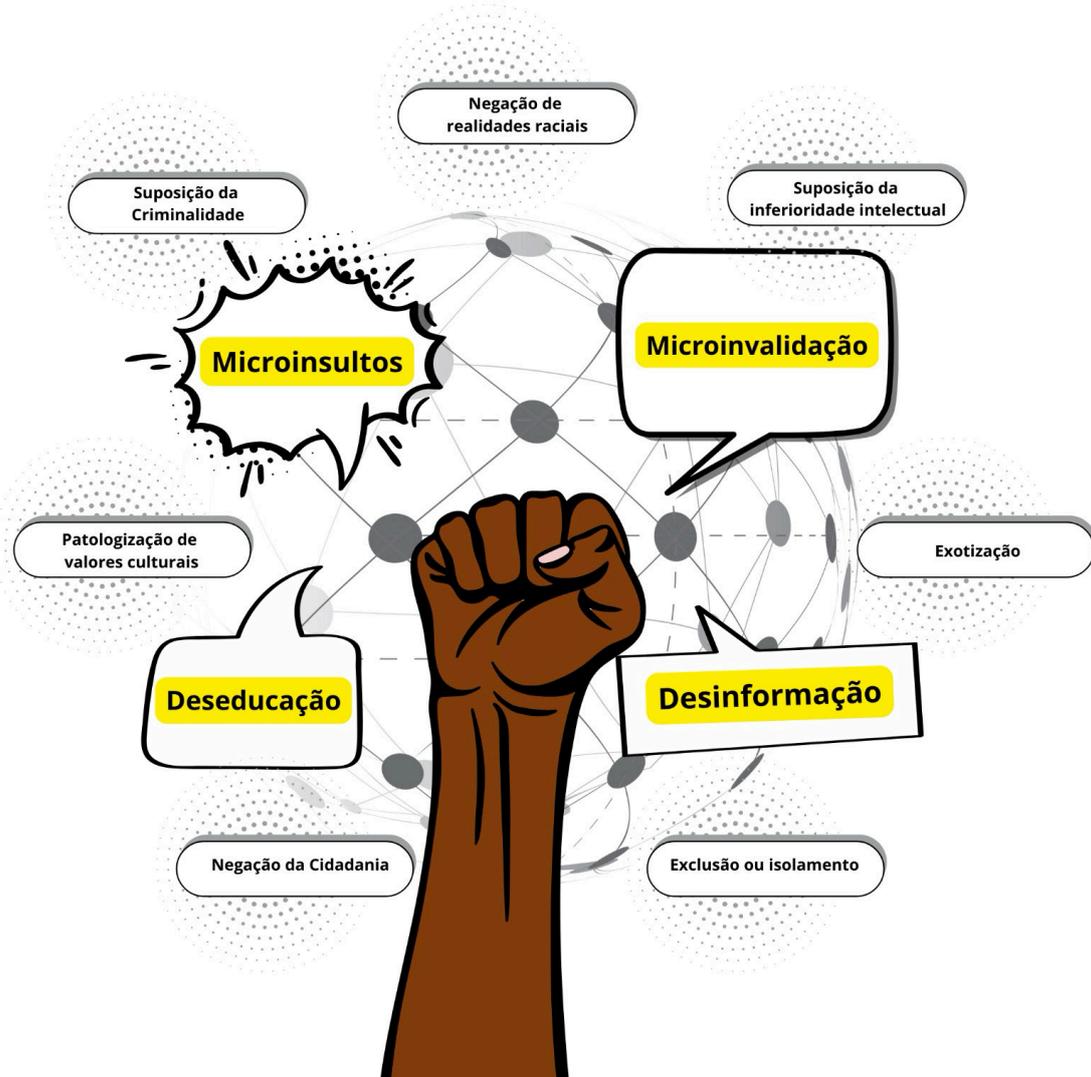
A pesquisa acerca do racismo algorítmico nas redes sociais representa uma área fundamental na análise do modo como as plataformas digitais podem manter e intensificar estigmas sociais já presentes. Para uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno, não basta apenas descrever minuciosamente as formas de microagressões, conforme discutido anteriormente, mas é essencial estabelecer conexões entre essas categorias, a fim de visualizar como elas se entrelaçam no contexto do discurso racista nos espaços virtuais.

Entender e diferenciar essas microagressões é fundamental para uma abordagem eficaz contra o racismo algorítmico nas redes sociais, pois elas não apenas ilustram a diversidade de formas em que o preconceito pode se manifestar, mas

também revelam as interconexões e sobreposições que tornam o combate a essas agressões um desafio complexo, desencadeando várias formas de microagressões interconectadas.

A figura 1, exibida a seguir, fornece uma representação visual detalhada do complexo entrelaçamento entre as microagressões, de acordo com a minha percepção.

Figura 1 – Interconexão entre as microagressões em redes sociais.



Fonte: elaborada pelo autor⁶.

⁶ Agradeço a Ebson Gomes (Ufersa) por compreender minha explicação sobre o entrelaçamento das microagressões, o que permitiu concretizar minha ideia em arte para esta e outras figuras deste artigo.

Por meio dessa representação gráfica, destacam-se os mecanismos do racismo algorítmico e sua complexa rede de interações subjacentes. Essa rede simboliza as interconexões entre indivíduos, redes de comunicação, dispositivos diversos e, conseqüentemente, as manifestações de microagressões. Os diferentes tipos de microagressões são identificados pelos balões de fala, indicados por representações distintas. Os balões menores, os quais gravitam em torno dos quatro principais balões, representam as diferentes camadas discursivas que elucidam a ocorrência das microagressões. Por exemplo, a presunção de criminalidade, a negação da realidade racial e outros aspectos semelhantes encontram-se dentro dessa estrutura; todavia, contribuem para a disseminação dessas conexões microagressivas dentro da rede apresentada. A ilustração apresenta, de forma concisa, a interconexão e a influência mútua das diferentes manifestações de microagressões, proporcionando uma visão abrangente e esclarecedora da complexidade desses fenômenos.

Um exemplo de microinsulto que pode levar à suposição de criminalidade e à negação de realidades raciais nas redes sociais pode ser uma situação em que alguém posta uma foto de um homem negro vestido de maneira casual em um bairro nobre e com a legenda sugerindo que ele parece estar fora do lugar ou que sua presença ali é suspeita. Essa insinuação sutil de que a presença desse homem negro nesse local é inadequada ou digna de suspeita implica diretamente uma associação entre a cor da pele dele e a criminalidade, reforçando estereótipos negativos amplamente difundidos na sociedade.

Além disso, ao questionar ou sugerir que a presença de um indivíduo negro em determinado local é inadequada sem qualquer justificativa plausível, isso reflete uma negação da realidade racial em que vivemos. É negar o direito desse indivíduo de estar em qualquer lugar, independentemente de sua raça, e reforçar a ideia de que espaços ditos nobres são exclusivos para pessoas brancas, ignorando a diversidade social e racial existente em nossa sociedade.

Um exemplo de microinvalidação que pode gerar suposição de inferioridade intelectual, patologização de valores culturais e exotização de pessoas negras nas redes sociais poderia ser alguém comentando em uma publicação de uma pessoa negra que fez uma conquista acadêmica significativa, como concluir um mestrado ou um doutorado, dizendo algo como: “Nossa, que surpresa! Não sabia que negros eram capazes de alcançar esse nível de educação”.

Nesse comentário, há várias camadas de microinvalidações presentes. Primeiramente, ao expressar surpresa diante da conquista acadêmica de uma pessoa negra, implicitamente está sendo sugerido que tal feito é incomum para indivíduos pretos, o que pode levar a uma suposição de inferioridade intelectual coletiva. Essa ideia baseia-se em estereótipos racistas que desvalorizam a capacidade intelectual de pessoas negras. Ao destacar a excelência acadêmica de pessoas negras como algo excepcional, é possível estigmatizar os valores culturais desse grupo. Isso reforça estereótipos negativos, minimizando a diversidade de talentos e habilidades em todas as comunidades. Expressar admiração de maneira condescendente frente às conquistas de pessoas negras pode levar à exotização, ao invés de reconhecer sua humanidade e capacidades de forma igualitária.

Esses tipos de microinvalidações, mesmo que pareçam inofensivas à primeira vista, contribuem para a manutenção do racismo estrutural, minando a autoestima e as oportunidades das pessoas negras, e reforçando narrativas prejudiciais, pois “o racismo é sempre estrutural, ou seja, [...] ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. [...] é a manifestação normal de uma sociedade e não é um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade” (Almeida, 2019, p. 20). Justamente por isso é fundamental estar atento a essas questões e promover a conscientização e o respeito mútuo nas interações nas redes sociais.

Uma forma de deseducação por meio de microagressão é compartilhar um meme ou post com informações falsas sobre a comunidade negra, como afirmar que todos os negros são propensos à criminalidade por causa de sua raça, e um exemplo

concreto de como a desinformação nas redes sociais pode gerar racismo é o caso da disseminação de estereótipos prejudiciais sobre pessoas negras que, muitas vezes, estão enraizados em suposições de criminalidade e negação de realidades raciais. Por exemplo, uma postagem falsa ou distorcida compartilhada nas redes sociais pode retratar pessoas negras como naturalmente propensas à violência ou ao envolvimento em atividades criminosas, alimentando a percepção de que são perigosas e ameaçadoras. Essa narrativa desonesta contribui para a construção e manutenção de estereótipos racistas que preservam a discriminação.

Além disso, a suposição da inferioridade intelectual também pode ser disseminada por meio de desinformação nas redes sociais. Por exemplo, ao propagar mensagens que desqualificam a capacidade intelectual de pessoas negras, como afirmações baseadas em testes de QI pseudocientíficos ou teorias da hierarquia racial, a desinformação reforça preconceitos e promove a ideia de que os negros são menos capazes intelectualmente do que os brancos.

O cenário se agrava quando a desinformação patologiza valores culturais de comunidades negras, retratando tradições, costumes e expressões culturais como negativos, problemáticos ou inferiores. Isso ocorre quando certas práticas são distorcidas e estigmatizadas, levando à desvalorização e à marginalização das identidades e referências culturais das pessoas negras. Por exemplo, a disseminação de informações falsas que exotizam e romantizam a cultura e a estética africanas de maneira superficial e distorcida pode alimentar a ideia de que os africanos e afrodescendentes são seres exóticos e primitivos, contribuindo para a desumanização e objetificação das pessoas negras.

No contexto das redes sociais, o racismo algorítmico se apresenta como um fenômeno complexo e multifacetado, em que as categorias de microagressões não operam de maneira isolada, mas sim de forma interconectada e simultânea. Os discursos de ódio às pessoas negras nas plataformas digitais frequentemente envolvem uma combinação de microinsultos, microinvalidações, deseducação e

desinformação que se desdobram em várias camadas discursivas. Por exemplo, a suposição de criminalidade frequentemente se apresenta juntamente à negação das realidades raciais, minimizando as experiências das vítimas de racismo enquanto salvaguarda estereótipos prejudiciais. Esse entrelaçamento cria um ambiente discursivo no qual as narrativas discriminatórias se reforçam mutuamente, exacerbando o impacto do racismo e tornando mais difícil a identificação e a mitigação dos danos causados.

Além disso, a dimensão da exclusão ou isolamento é frequentemente acompanhada pela patologização de valores culturais e pela exotização. Tal dinâmica não apenas marginaliza indivíduos negros, mas também distorce a percepção pública de suas culturas e experiências. A suposta inferioridade intelectual é frequentemente insinuada juntamente à deseducação e desinformação, em que narrativas falsas e vieses históricos são empregados para manter uma hierarquia racial implícita. A negação da cidadania, oriunda tanto da negação de realidades raciais quanto da exclusão deliberada, reflete-se em políticas e práticas sociais que alienam e desumanizam comunidades negras. Assim, é fundamental compreender a interseção dessas categorias de microagressões a fim de desconstruir o discurso racista que se apoia nas estruturas de racismo institucionais e algorítmicas, as quais trabalham em conjunto para perpetuar a desigualdade racial nas plataformas de mídias sociais.

A discussão apresentada aqui é relevante porque, no presente artigo, tenho a intenção de demonstrar que, no contexto da criação de uma imagem racista pela IA, a deputada Renata Souza sofreu racismo algorítmico de maneira complexa e multifacetada. Nas redes sociais, as categorias de microagressões não atuam de forma isolada; em vez disso, o discurso de ódio contra a deputada Renata Sousa evidencia uma interseção de todas essas categorias. Em seu caso, a suposição de criminalidade foi intensificada pela negação de suas realidades raciais e a inferiorização de sua capacidade intelectual, acompanhadas pela patologização de suas expressões culturais

e a exotização de sua identidade. Isso se orquestra com uma sistemática deseducação e desinformação que distorceu a verdadeira natureza de sua atuação política.

Na prática, o racismo algorítmico não apenas mantém esses estereótipos, mas também fortalece o isolamento e a exclusão da deputada do discurso público, negando sua cidadania plena. A dinâmica das redes sociais, portanto, atua como um multiplicador de opressões, sintetizando todas essas manifestações de racismo em uma narrativa de ódio desenfreada, sofisticada e insidiosa, conforme revelado pelos estudos sobre racismo algorítmico. Isso pode ter alguma relação com o conceito de “descidadanização” conforme definido por Garcia-Canclini (2020) para quem a descidadanização não representa a negação da cidadania, mas sim a sua transformação diante da progressiva digitalização da sociedade contemporânea. Esse fenômeno envolve a adoção de novas modalidades de participação social, ainda que inclua a exploração do sofrimento e do preconceito.

3 Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem metodológica de pesquisa de campo qualitativa, enquadrando-se como uma investigação de natureza aplicada e explicativa. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de maior amplitude, ainda em andamento, e, em função disso, pode ser caracterizado como um estudo de caso exploratório. Esse caráter exploratório se justifica pela intenção de analisar o discurso racista por meio das microagressões sofridas por pessoas negras no contexto das redes sociais. Em vez de se restringir a uma descrição superficial dos fenômenos observados, o estudo busca revelar dinâmicas subjacentes e complexidades inerentes ao tema.

No que concerne à seleção e à coleta de dados, a pesquisa fundamentou-se nas interações produzidas em três postagens específicas. A primeira, publicada no dia 26 de outubro de 2023, realizada pela deputada estadual Renata Souza, do Rio de Janeiro, sobre o racismo algorítmico sofrido por ela. A segunda, veiculada pelo jornal *Estadão*, de São Paulo, publicada no dia 27 de outubro de 2023; e a terceira, publicada no dia 27

de outubro de 2023 pelo Jornal *Meia Hora*, do Rio de Janeiro, acerca do racismo enfrentado pela parlamentar. A escolha por esse caso emblemático justifica-se pela sua relevância e pelo potencial para elucidá-lo no contexto mais amplo das formas de racismo e representações midiáticas das pessoas negras em plataformas digitais.

Como assinalado na introdução deste artigo, a parlamentar usou uma IA para criar um desenho ao estilo Pixar de uma mulher negra com roupas africanas em uma favela. O algoritmo produziu uma imagem racista, representando uma mulher negra com uma arma, indo contra as instruções dadas pela deputada. Esse fato ganhou ampla repercussão e foi destacado em diversos jornais do País, evidenciando a presença de racismo embutido nas respostas da IA. A deputada Renata Souza e diversas outras vozes nas redes sociais denunciaram a reprodução de estereótipos racistas pela tecnologia, trazendo à tona uma discussão crítica sobre os preconceitos incrustados nos sistemas de IA.

Para o presente artigo, optei por focar na análise das interações geradas pelas postagens feita pela deputada e pelos supracitados jornais em suas páginas no Instagram, com o objetivo de explorar como as microagressões contribuem para a manutenção do discurso racista nas interações em redes sociais, com base no caso de racismo algorítmico vivenciado pela deputada Renata Souza.

Assim, foi realizado um estudo exploratório, já que busco conhecer o racismo algorítmico como um fenômeno específico para que investigações subsequentes possam ser conduzidas com maior precisão e entendimento. Esse entendimento está ancorado em Theodorson e Theodorson (1970) para quem a essência de um estudo exploratório é servir como uma fase preliminar que prepara o terreno para investigações mais aprofundadas e detalhadas. Como a ênfase está no caráter preliminar da pesquisa exploratória, este tipo de estudo é o primeiro passo em uma investigação mais abrangente, o qual é destinado a proporcionar uma compreensão inicial do fenômeno de interesse, o que é o caso do presente artigo.

Ao promover uma familiarização inicial com um determinado fenômeno, a pesquisa exploratória permite que os pesquisadores tenham uma visão mais acurada, o que melhora a qualidade e a precisão dos estudos subsequentes. Os métodos de pesquisa exploratória são flexíveis e podem incluir entrevistas, grupos focais, análise documental, estudos de caso, entre outros. No meu estudo, a amostra foi coletada por meio de capturas de tela das postagens e comentários extraídos da página da deputada e dos dois jornais mencionados. Por razões éticas, ao capturar as telas, foi tomado o cuidado de ocultar as imagens e os nomes dos perfis associados aos comentários racistas. Esses dados foram organizados, indistintamente, em 5 grupos de figuras: 1) A culpa não é da IA, e sim do uso da palavra 'favela'; 2) A deputada mentiu; 3) Negação da responsabilidade da IA; 4) Desqualificação da função de deputada; e 5) Interpretação de que a imagem gerada pela IA é a de uma policial, cujas análises passo a mostrar subsequentemente.

4 Resultados

A postagem feita pela deputada Renata Souza, em sua página do Instagram, traz à tona uma questão crucial e pertinente sobre os desafios enfrentados pelas pessoas negras em relação à representação e discriminação algorítmica. A deputada expõe sua experiência de ter sido retratada de uma maneira extremamente ofensiva por uma IA ao criar uma arte inspirada nos pôsteres da Disney, conforme evidencia a figura 1, subsequente.

Segundo a postagem retratada nessa figura, a deputada destaca a situação em que a IA a retratou como uma mulher negra com uma arma na mão, vinculando automaticamente sua identidade racial a estereótipos de violência e criminalização. Na legenda publicada junto à imagem, a deputada questiona por que uma mulher negra, oriunda da favela, só é associada a um cenário de violência, sugerindo que sua identidade não pode ser separada da imagem de uma arma. Esse tipo de associação direta e preconceituosa reflete a reprodução de estereótipos raciais a partir da

tecnologia, conforme mostro, adiante, por meio da análise de comentários gerados a partir dessa postagem e da postagem dos jornais *Estadão* e *Meia Hora*.

Figura 2 – Racismo algorítmico.



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cy3jaTnuYWe/?img_index=1

Em sua publicação, Renata Souza ressalta a presença traiçoeira do racismo algorítmico em um mundo que é moldado pela perspectiva da branquitude, evidenciando como a reprodução da estrutura racista permeia todas as esferas da sociedade, inclusive nas tecnologias. Ela mostra não haver neutralidade nesses sistemas, argumentando que a associação automática de pessoas negras com violência é um reflexo do viés racial subjacente nessas tecnologias.

A deputada também faz referência ao seu trabalho na CPI do Reconhecimento Fotográfico, em que tem observado como as pessoas negras são frequentemente prejudicadas por mecanismos, como o reconhecimento facial, mesmo quando são inocentes. Ela destaca a importância de revisar essas tecnologias e procedimentos para combater a violência simbólica e a discriminação racial contra as comunidades negras.

O título da postagem da deputada é **racismo algorítmico**, e isso já ressalta a necessidade urgente de conscientização e ação para combater esse tipo de racismo e garantir a equidade e a justiça nas tecnologias que cada vez mais influenciam nossas vidas. Ela aponta para a importância de questionar e desafiar os preconceitos

embutidos nas ferramentas tecnológicas e assegurar que a diversidade e a dignidade das pessoas negras sejam respeitadas e representadas de forma precisa e justa.

Ao analisar os dados, deparei-me com um grupo de comentários que interpreta de forma equivocada a representação da mulher negra com uma arma de fogo gerada pela inteligência artificial. Como mostrarei mais adiante, alegar que essa imagem surgiu apenas porque a deputada Renata Souza pediu que o cenário fosse uma favela é um argumento racista, simplista e superficial. É essencial ir além desse ponto de vista leviano e considerar as complexidades que envolvem não apenas a geração dessa imagem, mas também a percepção social e cultural que ela ecoa, pois os comentários, na verdade, são várias microagressões.

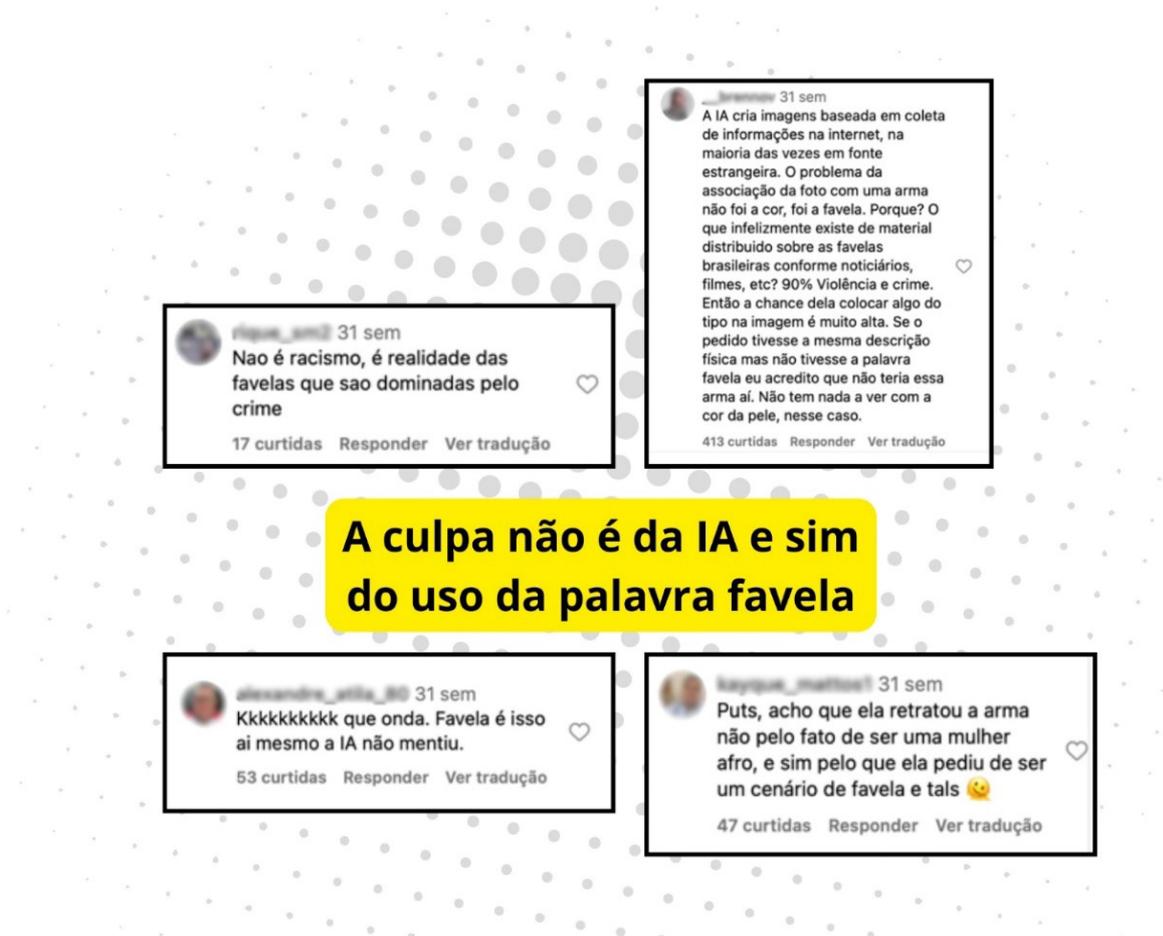
A correlação direta entre a solicitação da deputada e a concepção da imagem não leva em consideração o contexto mais amplo em que o algoritmo opera, as influências subjacentes às suas decisões e os estereótipos enraizados na sociedade que podem afetar os resultados. Essa análise simplista pode não apenas obscurecer as questões mais profundas em jogo, mas também reforçar preconceitos e visões deturpadas sobre determinados grupos sociais.

Portanto, é fundamental encarar essas interpretações de maneira crítica e questionar as suposições subjacentes a essas afirmações. Somente ao abordar essas questões com rigor e profundidade, podemos realmente compreender e debater os desafios e impactos da inteligência artificial na sociedade contemporânea. Vejamos o primeiro grupo de dados, cujos comentários apontam para o uso da palavra favela no comando que a deputada deu à IA.

As postagens em questão podem ser analisadas como exemplos de microinsultos e de várias outras formas de microagressões. Ao sugerir que a mulher foi retratada com uma arma devido ao pedido de um cenário de favela, implicitamente reforça um estereótipo negativo associado a comunidades marginalizadas e, por extensão, às pessoas que se identificam com essas comunidades. Esse estereótipo evoca

a imagem de violência como inerente a essas áreas e às pessoas que vivem nelas, causando um dano psicológico e emocional.

Figura 3 – O uso da palavra favela.



Fonte: dados da pesquisa.

Além disso, no contexto da postagem, os autores dos comentários tentam justificar a representação estereotipada, ignorando e, portanto, microinvalidando as preocupações legítimas sobre racismo e estereótipos negativos. Frases como: “não é racismo, é realidade das favelas”; “favela é isso” ou, ainda, “se o pedido tivesse a mesma descrição física mas não tivesse a palavra favela eu acredito que não teria essa arma aí”, são exemplos genuínos de microinvalidações na medida em que inocenta o algoritmo e criminaliza a vítima. Esses comentários minimizam o impacto de retratar uma mulher afro em um cenário violento, sugerindo que o problema não é a representação racializada produzida pela IA, mas sim o uso da palavra favela que

apareceu no comando solicitado pela deputada, o que pode ser percebido como uma forma de negar o racismo algorítmico.

Indubitavelmente, a representação de uma mulher afro com uma arma em uma favela pelo algoritmo evidencia preconceitos racistas, já que os comentários evocam a suposição de criminalidade. Esse tipo de microagressão tem um impacto significativo, porque sugere que certos grupos raciais, principalmente as mulheres negras e demais moradores de favelas, são mais propensos à criminalidade.

Os comentários apresentados na figura 3 negam realidades raciais ao rejeitar e subestimar as vivências de discriminação e racismo denunciadas pela deputada, insinuando, de forma pejorativa, que a legisladora tem menor capacidade intelectual, uma vez que "a IA não mentiu" e o caso "não tem nada a ver com a cor da pele". A afirmação dos autores dos comentários de que a imagem não reflete um viés racial, atribuindo a situação apenas ao contexto, ignora que a IA, ao ser treinada com dados historicamente parciais, acaba por reproduzir conteúdos enviesados (O'Neil, 2020; Noble, 2021; Silva, 2022; Prado, 2022). Embora não diretamente abordada na postagem, a suposição de inferioridade intelectual pode estar subjacente em microagressões que descartam preocupações sobre racismo, como "interpretações erradas" ou "exageros".

A interpretação racista que emerge dos comentários aponta para uma simplificação que evita engajar-se com as complexas questões de racismo estrutural, desconsiderando as capacidades intelectuais e a percepção da pessoa que levanta a preocupação, já que a deputada Renata Souza, a pessoa retratada na imagem em análise, possui sólida formação acadêmica como jornalista, com um título de doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de um pós-doutorado em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Além disso, ela é reconhecida como figura proeminente do movimento do feminismo negro no Brasil e tem se destacado por sua atuação em prol dos direitos humanos. Atualmente, exerce o cargo de política no Brasil, sendo membro do Partido

Socialismo e Liberdade (PSOL) e desempenhando seu segundo mandato como deputada estadual no Rio de Janeiro.

Desse modo, os comentários em questão são exemplos classicamente complexos de como microagressões podem se manifestar por várias camadas discursivas. Ao atribuírem a representação da mulher afro com uma arma unicamente ao pedido de um cenário de favela, os comentários desconsideram e minimizam as preocupações legítimas de racismo e estereótipos negativos apontados pela deputada. Reconhecer a multiplicidade de microagressões presentes — incluindo microinsultos, microinvalidações, deseducação e a suposição de criminalidade — é fundamental para entender o impacto abrangente que tais comentários podem ter nas pessoas cujas experiências e identidades são desvalorizadas, a ponto de serem acusadas de mentirosas, como mostram os comentários reunidos na figura seguinte.

Figura 4 – A deputada mentiu.



Fonte: dados da pesquisa.

Esse novo grupo de comentários revela uma mescla de diversas microagressões, incluindo deseducação, desinformação, microinsultos, microinvalidações, suposição de criminalidade, negação de realidades raciais, suposição de inferioridade intelectual, patologização de valores culturais e exotização. Nos comentários, há uma acusação imputada à deputada Renata Souza de editar a imagem para criar uma falsa aparência de racismo. Essa afirmação, sem provas concretas, contribui para a deseducação e desinformação, pois prejudica a compreensão pública das complexidades dos problemas raciais e descredita a experiência de discriminação alheia. Além disso, sugere que as denúncias de racismo são frequentemente falsas, o que pode desinformar a opinião pública sobre a prevalência e a seriedade do racismo.

Sutis, mas poderosamente cruéis, microagressões podem minar as experiências e os sentimentos de indivíduos marginalizados. Os comentários sugerem que a vítima, mencionada na postagem, está inventando ou exagerando sua experiência, o que implica uma falta de respeito e consideração pela verdade das suas palavras e vivências. A consideração de que a congressista tenha editado a imagem para parecer racista age como uma microinvalidação, anulando as possíveis experiências reais de racismo algoritmo que ela sofreu, desconsiderando a legitimidade das suas reivindicações.

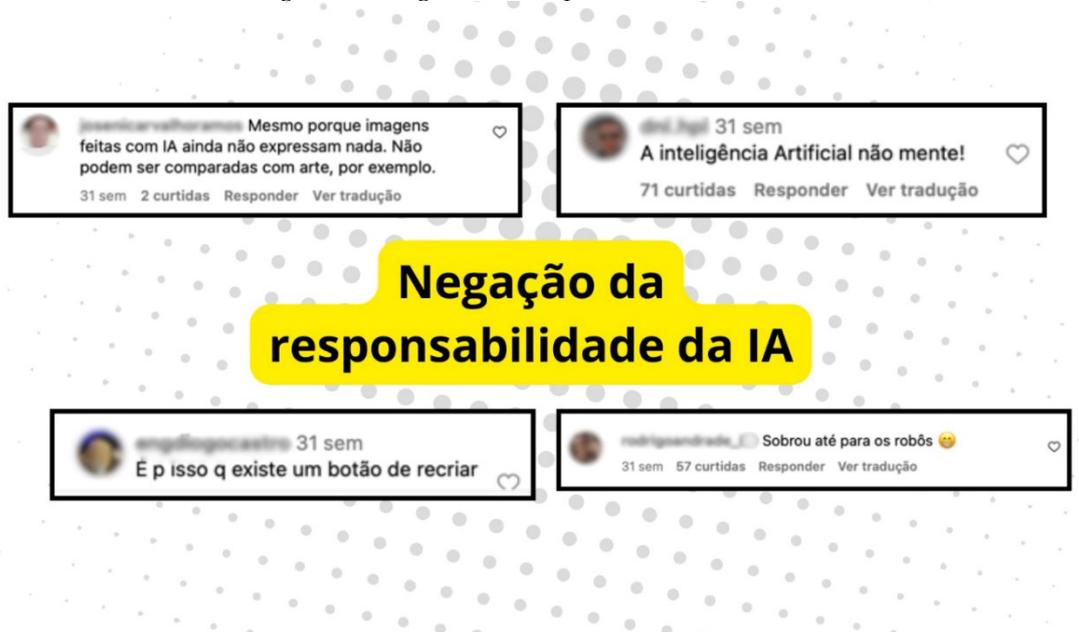
A suspeita automática da comprovação da suposta fraude e manipulação da imagem, como mostra um dos comentários, sugere uma suposição de criminalidade. Implicitamente, associa-se à parlamentar a ideia de que ela é desonesta e está tentando enganar os outros, reforçando estereótipos negativos. A assertiva de que o perfil “Mundo Militar” (no antigo Twitter) “desmentiu e mostrou q tá editado” implica a negação das realidades raciais, sugerindo que o racismo não é um problema real ou relevante ao ponto de alguém sentir a necessidade de criar provas fictícias.

Os comentários também ancoram em uma suposição de inferioridade intelectual na medida em que colocam em dúvida a capacidade de Renata Souza de interpretar suas próprias experiências raciais genuinamente. Frases como “isso é o que

ela diz, né?? (...) provavelmente ela deu algum comando nesse sentido...” ou a indagação sobre o prompt que usou, implica que a deputada não é uma pessoa confiável ou inteligente o suficiente para entender como a IA funciona, minimizando suas preocupações e capacidade crítica.

Os dados demonstram haver um complexo entrelaçamento de várias formas de microagressões contra a vítima do racismo algorítmico. Os comentários analisados desconsideram e desvalorizam as experiências reais de discriminação, criando um ambiente no qual as vozes e as preocupações dos indivíduos violentados são continuamente questionadas e invalidadas. E, nesse sentido, o discurso racista nega a responsabilidade da IA, como mostram os dados reunidos na figura que segue.

Figura 5 – Negação da responsabilidade da IA.



Fonte: dados da pesquisa.

Por meio de sua postagem, a jornalista Renata Souza afirmou que sofreu racismo algorítmico, mas os comentários citados nesse novo grupo expressam desconsideração e microinvalidação da experiência da parlamentar. A defesa de que “imagens feitas com IA ainda não expressam nada” desvaloriza a capacidade da IA em expressar sentimentos e emoções, sugerindo que não seria possível ela reproduzir

discriminações ou preconceitos. Essa afirmação desconsidera o fato de que algoritmos são desenvolvidos e treinados por humanos, podendo, portanto, refletir preconceitos presentes na sociedade. Assim, é importante observar, como mostram O’Neil (2020), Noble (2021), Silva (2022) e Prado (2022), que algoritmos de IA não são intrinsecamente neutros, pois eles refletem e podem até amplificar os preconceitos e desigualdades presentes nos dados com os quais foram treinados.

Na mesma esteira, o autor do comentário, o qual defende que “a inteligência artificial não mente”, ignora o fato de que os algoritmos podem reproduzir preconceitos existentes nos dados com os quais são alimentados, semelhante ao conceito de viés algorítmico. Trata-se de um microinsulto, pois essa frase implica que a IA é mais confiável ou honesta do que os seres humanos. Essa afirmação pode ser ofensiva ao sugerir que humanos têm menos integridade que a IA. Assim, comentários como esses apontam para uma tentativa de desculpabilizar a tecnologia e desviar a atenção do papel dos algoritmos no discurso racista. Ao aceitar esse argumento sem questionar, estamos potencialmente contribuindo para fortalecer a narrativa de neutralidade da IA, o que pode servir para encobrir e ratificar as injustiças sociais.

O comentário culposo segundo o qual “é por isso que existe o botão de recriar” exime a responsabilidade da IA em perpetrar discriminação, atribuindo a suposta falha exclusivamente ao usuário. Isso desconsidera a complexidade da tecnologia e sugere que a incompetência do usuário é a causa de quaisquer problemas, o que é desrespeitoso e injusto para vítimas de racismo algorítmico. Os comentários minimizam a interação entre humanos e sistemas inteligentes, ignorando o possível impacto prejudicial dos algoritmos. Em outros termos, esses comentários representam microagressões que, apesar de sutis, fortalecem estereótipos e preconceitos.

Frases como “sobrou até para os robôs” mostram que as pessoas negam a possibilidade de racismo algorítmico e, por isso, isentam a IA de responsabilidade. Esse tipo de comentário enfraquece o reconhecimento de viés e discriminação presentes em sistemas automatizados. Como alerta Noble (2021, p. 100), “o público

tem uma consciência mínima dessas transições de poder cultural e da importância dos algoritmos”. A denúncia de Renata Souza é pedagógica, porém os comentários microagressivos que ela recebeu podem desencorajar outras vítimas de discriminação a denunciar casos de racismo algorítmico, invalidando suas experiências. A deputada reconheceu que os algoritmos não são neutros ou imparciais, mas sim influenciados pelas decisões dos programadores e pelos dados de treinamento, refletindo as desigualdades e preconceitos sociais.

Os dados que seguem focam na desqualificação da função de deputada desempenhada por Renata Souza.

Figura 6 – Desqualificação da função de deputada.



Fonte: dados da pesquisa.

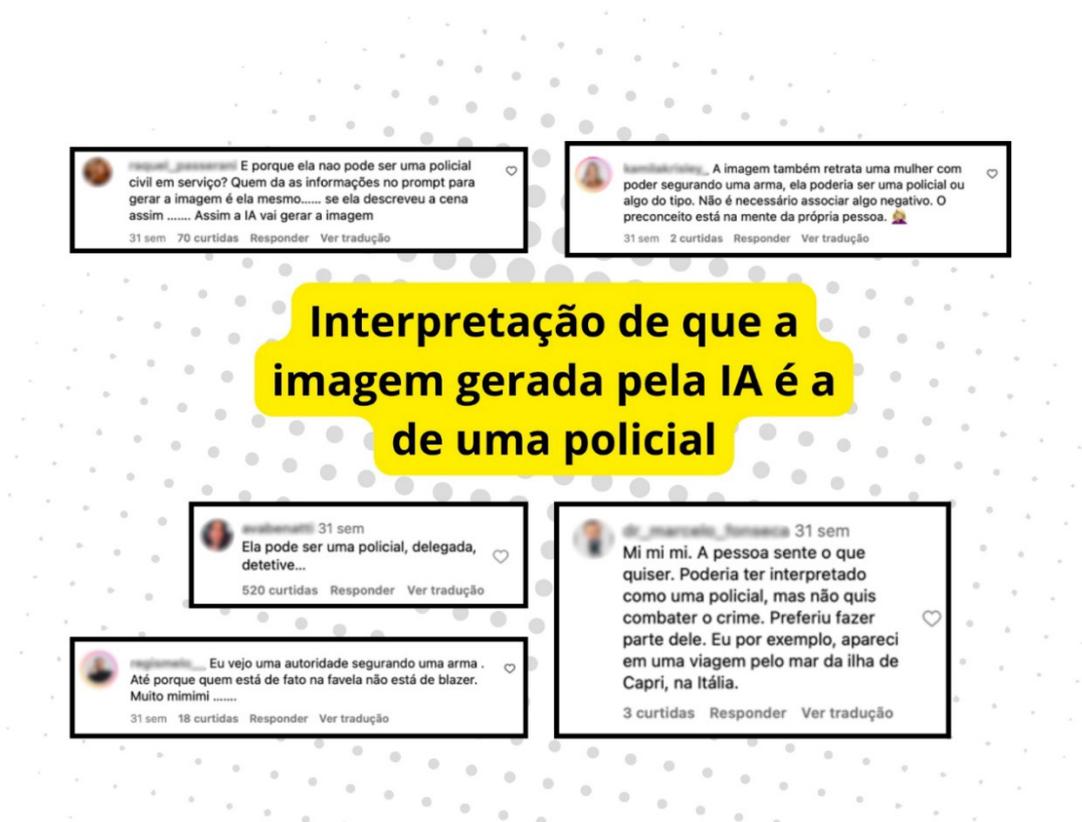
Esse novo grupo de comentários demonstra mais uma série de microagressões que invalidam a afirmação da parlamentar carioca sobre ter sofrido racismo algorítmico. Ao considerar esses comentários individualmente e em conjunto, várias formas de microagressões podem ser identificadas. O primeiro comentário desqualifica a atuação da deputada, sugerindo que ela está perdendo tempo brincando

no aplicativo enquanto deveria estar trabalhando na ALERJ. Essa desqualificação é uma forma de microagressão, pois ignora o trabalho da parlamentar e implica que a atividade dela com IA é improdutiva ou inadequada. O microinsulto plasmado no comentário “ela tem que procurar serviço” insinua que a vítima é uma desocupada e, portanto, não está desempenhando corretamente suas funções parlamentares.

Outro comentário sugere que a deputada Renata Souza é uma mulher “atoa [sic], ocupando as cadeiras do povo” e, por isso, não está desempenhando suas funções adequadamente. Essa insinuação é ofensiva e desvaloriza o engajamento político dela, representando um desrespeito em relação à sua posição e competência. Dentro do mesmo contexto em que se questiona o trabalho da deputada, as críticas também se manifestam em forma de microagressões, como quando outra pessoa desafia Renata Souza a “trabalhar” e questiona seu comprometimento com o Estado do Rio de Janeiro. Essas atitudes microinvalidam as ações realizadas por ela em seu papel como política, desconsiderando o valor do trabalho que realiza e evidenciando uma postura desrespeitosa e ofensiva.

Esses tipos de microagressões consolidam o discurso racista e misógino por microinvalidar a experiência e o trabalho de uma mulher negra em posição de destaque (Trindade, 2022; Barreto, 2023). A ideia de inocentar a IA como se os algoritmos fossem neutros é perigosa, pois os algoritmos refletem os preconceitos e vieses existentes na sociedade, incluindo o racismo. Portanto, é essencial reconhecer e denunciar essas microagressões, pois elas alimentam um ambiente tóxico nas redes sociais que tende a naturalizar a discriminação. É importante promover a educação e conscientização sobre como nossas palavras e ações podem afetar os outros, especialmente quando se referem a questões sensíveis como o racismo e o sexismo (Noble, 2021). A próxima figura reúne comentários que desautorizam a denúncia de racismo algorítmico, alegando que a imagem gerada pela IA é a de uma policial.

Figura 7 – Interpretação de que a imagem gerada pela IA é a de uma policial.



Fonte: dados da pesquisa.

A interpretação dos comentários mencionados revela uma perspectiva enviesada ao analisar a imagem divulgada pela deputada Renata Souza, alegadamente vítima de discriminação racial por algoritmos de uma IA. Cada um dos comentários lança mão de argumentos que buscam justificar a representação da figura feminina armada sem considerar o contexto de discriminação racial que a deputada destacou.

Há uma explícita negação de racismo, ao afirmar que a imagem simplesmente retrata uma autoridade, como uma policial, pois esses comentários ignoram a possibilidade de interpretação racista da imagem. Essa negação sutil do racismo presente na situação é uma forma de microinvalidação, pois desconsidera a experiência vivida pela deputada Renata Souza. Também é inconteste que os comentários geram deseducação e desinformação na medida em que a sugestão de que a imagem representa uma policial civil em serviço, sem levar em consideração a crítica

da deputada, demonstra falta de sensibilidade para com a questão racial e consolida a desinformação e a deseducação sobre as nuances do racismo estrutural.

Os comentários enfatizando palavras como "*mimimi*" sugerem que a denúncia de racismo da deputada Renata Souza é inexata ou exagerada, reduzindo a gravidade da situação e invalidando a perspectiva dela. Isso configura um microinsulto e uma microinvalidação das experiências e percepções de discriminação racial.

A associação da presença de uma figura armada com a noção de poder ou autoridade, ao mesmo tempo em que subentende que alguém não usaria um blazer ao estar na favela, implica diretamente uma associação de criminalidade e menor capacidade intelectual das pessoas que lá residem, contribuindo para a perpetuação de estereótipos raciais negativos. Ao declarar que a representação não corresponde à realidade da favela, os comentários insinuem que certos aspectos culturais ou sociais dessas comunidades são anormais ou problemáticos, ao mesmo tempo que reduzem a vivência das comunidades marginalizadas a uma visão exótica e estereotipada.

Finalmente, afigura-se relevante destacar que a tendência em desconsiderar o impacto do racismo nas interpretações das imagens contribui para excluir ou isolar a narrativa de pessoas negras sobre suas próprias experiências e percepções, tornando difícil o diálogo construtivo e a mudança de mentalidades.

5 Considerações finais

Os resultados obtidos revelam um complexo entrelaçamento de microagressões que se apresentam em múltiplas camadas discursivas. As análises indicaram a presença de microinvalidações que, por um lado, anistiam o algoritmo ao culpar a vítima, argumentando que a imagem racista não é culpa da IA, mas sim da forma como a deputada elaborou o comando, usando a palavra favela. Tal raciocínio contribui para a naturalização do racismo algorítmico ao desresponsabilizar sistemas automatizados e transferir a culpa para a vítima. Por outro lado, outro conjunto de dados revelou mais

microagressões ao questionarem a veracidade da denúncia da deputada, insinuando que ela teria manipulado a imagem.

Essa postura microinvalida as experiências reais de racismo algorítmico de Renata Souza e suas demandas por justiça e igualdade. A disseminação dessas microagressões destaca a importância de debater racismo, algoritmos e discurso de ódio nas redes sociais para promover conscientização sobre as dinâmicas discriminatórias on-line e tomar medidas eficazes contra tais práticas prejudiciais.

A análise evidencia também que as pessoas se recusam a responsabilizar a IA, culpando exclusivamente a vítima ao afirmar que imagens geradas por algoritmos não têm significado. Essa atitude negligencia o papel desses algoritmos na propagação de conteúdo discriminatório, minimizando o racismo algorítmico e colocando a responsabilidade da interpretação dos resultados sobre a vítima. Além disso, as microagressões identificadas desqualificam a deputada e reduzem sua autoridade e importância nas discussões, refletindo práticas de desvalorização e silenciamento de vozes negras no espaço público.

Outro aspecto relevante é a interpretação equivocada de que a imagem gerada pela IA retrata uma policial e não uma mulher negra na favela, o que leva a uma justificativa errônea de que não se trata de racismo, mas sim de uma suposta sensibilidade exagerada da legisladora. Essa interpretação distorcida serve para minimizar a gravidade do ocorrido, desqualificando as denúncias de racismo e deslegitimando as experiências da vítima.

Os dados analisados revelam um intrincado entrelaçamento de microagressões, incluindo microinsultos, microinvalidações, deseducação e desinformação, que se manifestam em diversas camadas discursivas, conservando estereótipos e preconceitos raciais. Os microinsultos se destacam pela suposição de criminalidade associada à imagem da mulher negra na favela com uma arma, insinuando uma percepção de perigo baseada em estereótipos racistas. Por sua vez, as

microinvalidações negam as realidades raciais ao culpar a vítima e absolver a IA, rejeitando a existência do racismo algorítmico.

A deseducação e a desinformação presentes nos comentários demonstram a suposição da inferioridade intelectual da deputada, questionando sua veracidade e capacidade de interpretar situações de discriminação. Além disso, a patologização de valores culturais atribui características negativas à denúncia de racismo, desqualificando as queixas da deputada como exageradas ou infundadas. A exotização e a exclusão ou isolamento das pessoas negras, evidenciadas nesse contexto, reforçam a marginalização e a invisibilização dessa comunidade.

É crucial ressaltar que o impacto dessas microagressões não se restringe à deputada Renata Souza, mas afeta toda a comunidade negra, perenizando a violência simbólica e estrutural que marginaliza e desumaniza indivíduos com base em sua cor de pele. A análise dessas dinâmicas revela a urgência de desconstruir a lógica racista que permeia as interações on-line, promovendo uma cultura de respeito, empatia e igualdade que reconheça e valorize a diversidade e a dignidade de todos os cidadãos, independentemente de sua origem racial.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, J. **A inteligência artificial e o racismo nas redes sociais** (Projeto IARA). Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, 2024.

ARAÚJO, J; ARAÚJO, J. Racismo algorítmico e inteligência artificial: uma análise crítica multimodal. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.1, 2024.

ASSEF, F. M. **Algoritmos de classificação em aplicação financeira**: avaliação de risco de crédito para pessoa jurídica. Dissertação 2018. (Mestrado em Engenharia de Produção), Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção Universidade Federal do Paraná, 2018.

BARRETO, L. **Discursos de ódio contra negros nas redes sociais**. Rio de Janeiro: Pallas, 2023. DOI <https://doi.org/10.48075/rt.v18i43.28363>

GARCÍA-CANCLINI, N. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. Bielefeld University Press, 2020. DOI <https://doi.org/10.1515/9783839448915>

LADEIRA, J. D. M. O algoritmo e o fluxo: Netflix, aprendizado de máquina e algoritmos de recomendações. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 47, p. 166-184, set./dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.19132/1807-8583201947.166-184>

MATALON NETO, D.; SOUZA, M. C. da S. A. de. Sociedade de consumo e algoritmos: reflexões contemporâneas. **RJLB**, [S. l.], ano 9, n. 1, 403-430, 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NOBLE, U. S. **Algoritmos da opressão**: como o Google fomenta e lucra com o racismo. Trad. Felipe Damorim. Santo André: Rua do Sabão, 2021.

O'NEIL, C. **Algoritmos de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Tradução de Rafael Abraham. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

PIERCE, C. M. Is bigotry the basis of the medical problems of the ghetto? *In*: NORMAN, J. C. (org.). **Medicine in the ghetto**. Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1970.

PRADO, M. **Fake news e inteligência artificial**: o poder dos algoritmos na guerra da desinformação. São Paulo: Edições 70, 2022.

RUSSELL, S. J.; NORVIG, P. **Artificial intelligence**: a modern approach. 3. ed. Upper Saddle River: Pearson Education Limited, 2010.

SANTAELLA, L. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Edições 70, 2023.

SANTOS, F. A. do.; MAYER, V. F.; MARQUES, O. R. B. Precificação dinâmica e percepção de justiça em preços: um estudo sobre o uso do aplicativo Uber em viagens. **Rev.Tur., Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 21, n. 3, p. 239-264, set./dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.14210/rtva.v21n3.p239-264>

SILVA, T. Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. *In*. SILVA, T. (org). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: Olhares afrodiáspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020. p. 120-137.

SILVA, T. **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais.** São Paulo: Edições SESC, 2022. DOI <https://doi.org/10.29327/269579.6.3-14>

SOUSA, D. M. M. de; PASSARELLI, S. E.; PUGLIESI, J. B. A inteligência artificial no recrutamento e seleção de pessoas. **Revista EduFatec: educação, tecnologia e gestão**, [S. l.], v.2, n.1, p. 1-19, jan./jun. 2019.

THEODORSON, G. A.; THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology.** Londres: Methuen, 1970.

TRINDADE, L. V. **Discurso de ódio nas redes sociais.** São Paulo: Jandaíra, 2022.